

# Fé para Mover Montanhas

**Vincent Cheung**

Título do original:

*Faith to Move Mountains*

Copyright © 2006 por Vincent Cheung. Todos os direitos reservados. Esta publicação não pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida no todo ou em parte sem prévia autorização do autor ou dos editores.

Published by [Reformation Ministries International](http://www.reformationministriesinternational.org)

PO Box 15662, Boston, MA 02215, USA

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto.

Primeira edição em português: *Maio de 2007*.

Direitos para o português gentilmente cedidos pelo autor ao site *Monergismo.com*.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Nova Versão Internacional* (NVI), © 2001, publicada pela Editora Vida, salvo indicação em contrário.

## MARCOS 11:12-25

*No dia seguinte, quando estavam saindo de Betânia, Jesus teve fome. Vendo à distância uma figueira com folhas, foi ver se encontraria nela algum fruto. Aproximando-se dela, nada encontrou, a não ser folhas, porque não era tempo de figos. Então lhe disse: “Ninguém mais coma de seu fruto”. E os seus discípulos ouviram-no dizer isso.*

*Chegando a Jerusalém, Jesus entrou no templo e ali começou a expulsar os que estavam comprando e vendendo. Derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas e não permitia que ninguém carregasse mercadorias pelo templo.*

*E os ensinava, dizendo: “Não está escrito: ‘A minha casa será chamada casa de oração para todos os povos’? Mas vocês fizeram dela um ‘covil de ladrões’”. Os chefes dos sacerdotes e os mestres da lei ouviram essas palavras e começaram a procurar uma forma de matá-lo, pois o temiam, visto que toda a multidão estava maravilhada com o seu ensino.*

*Ao cair da tarde, eles saíram da cidade.*

*De manhã, ao passarem, viram a figueira seca desde as raízes. Pedro, lembrando-se, disse a Jesus: “Mestre! Vê! A figueira que amaldiçoaste secou!”*

*Respondeu Jesus: “Tenham fé em Deus. Eu lhes asseguro que se alguém disser a este monte: ‘Levante-se e atire-se no mar’, e não duvidar em seu coração, mas crer que acontecerá o que diz, assim lhe será feito. Portanto, eu lhes digo: Tudo o que vocês pedirem em oração, creiam que já o receberam, e assim lhes sucederá. E quando estiverem orando, se tiverem alguma coisa contra alguém, perdoem-no, para que também o Pai celestial lhes perdoe os seus pecados”.*

Nossa passagem tem seu paralelo em Mateus 21:12-13, 18-22, mas enquanto Mateus oferece uma apresentação tópica, a versão de Marcos é cronológica e segue a ordem real dos eventos como aconteceram. Assim, Marcos 11:12-14, 20-25 corresponde a Mateus 21:18-22, e Marcos 1:15-19 corresponde a Mateus 21:12-13.

Em outras palavras, Mateus separa o que aconteceu em Jerusalém e no templo do que aconteceu em Betânia. Ele é cuidadoso em omitir os sinalizadores de tempo, de forma que seu relato tópico não se tornasse inexato ou confuso. Por outro lado, a versão de Marcos segue a ordem real dos eventos, nos dando cuidadosamente um claro senso das relações cronológicas entre os eventos que ele está descrevendo, ao incluir vários sinalizadores de tempo. Em adição, correspondendo a cada evento, ele também indica a direção da viagem que o Senhor e seus discípulos estavam tomando. Dessa forma, encontramos as seguintes declarações no capítulo 11:

“Quando se aproximaram de Jerusalém...” (v. 1)

“Jesus entrou em Jerusalém...” (v. 11)

“... como já era tarde, foi para Betânia...” (v. 11)

“No dia seguinte, quando estavam saindo de Betânia...” (v. 12)  
 “Chegando a Jerusalém...” (v. 15)  
 “Ao cair da tarde, eles saíram da cidade” (v. 19)  
 “De manhã, ao passarem...” (v. 20)  
 “Chegaram novamente a Jerusalém...” (v. 27)

Tanto Mateus como Marcos nos oferecem relatos exatos do que aconteceu. Cada abordagem serve ao propósito do escritor e causa uma impressão particular sobre o leitor. Eu escolhi tratar com o relato de Marcos para tomar vantagem de como seu arranjo cronológico contribui para a interpretação do versículo 23.

#### v. 12-14

Nossa passagem começa quando Jesus parte de Betânia e se dirige a Jerusalém (v. 12). Ele vê uma figueira de longe, mas quando a alcança, não encontra nada senão folhas. Nisto, ele diz para ela: “Ninguém mais coma de seu fruto” (v. 14). O incidente causa perplexidade a muitas pessoas, visto que parece-lhes que a árvore aqui recebe um tratamento excessivamente duro e até mesmo injusto da parte do Senhor.

Comentaristas tipicamente oferecem dois pontos de esclarecimento.

O primeiro tem a ver com a “biologia complicada”<sup>1</sup> da figueira. Existiam duas safras de figueiras naquela região. A primeira e de figos menores se tornava madura em maio e junho, e a última e de figos maiores se tornava madura por volta de final de agosto e setembro. Novas folhas começavam a aparecer em março, e juntamente com elas apareceriam muitos figos minúsculos, chamados de *taksh* em árabe. Eles eram comidos por pessoas quando com fome, e frequentemente reunidos para serem vendidos nos mercados. Esses não eram os figos verdadeiros, mas cresciam somente até um tamanho pequeno e a maioria morria.

Esse incidente em nossa passagem ocorre no tempo da Páscoa (14:1), por volta de abril, de forma que “não era tempo de figos” (v. 13). Contudo, essa figueira particular tinha folhas, e “quando as novas folhas estavam aparecendo na primavera, toda figueira fértil teria alguns *taksh* nela, embora a época de figos comestíveis (Mc. 11:13, AV) não tivesse chegado. Quando as folhas estavam plenamente desenvolvidas, o fruto deveria estar maduro também. Mas se a árvore com folhas não tivesse nenhum fruto, ela seria estéril durante a estação inteira”.<sup>2</sup> Assim, a abundância de folhas deu a Jesus razão para esperar fruto também – isto é, *taksh* – mas quando ele chegou na árvore, não encontrara nada senão folhas.

Então, o segundo ponto que os comentaristas mencionam é que a figueira funciona meramente como um símbolo para algo mais, e a forma que Jesus a tratou tinha a intenção de ser uma parábola viva. Hendriksen escreve: “É impossível crer que a maldição que o Senhor pronuncia sobre esta árvore fosse um ato de punição, como se árvore como tal fosse responsável por não produzir fruto, e como se, por essa razão, Jesus estivesse irado com ela”.<sup>3</sup>

Por ora não discutiremos o que essa interação simbólica entre Jesus e a figueira transmite – isso está reservado para mais tarde. Agora, nosso foco é sobre as formas

<sup>1</sup> *New Bible Dictionary, Third Edition* (InterVarsity Press, 1996), p. 368.

<sup>2</sup> *The International Standard Bible Encyclopedia, Revised Edition* (William B. Eerdmans Publishing Company, 1982), p. 302. Veja o artigo inteiro sobre “Fig; Fig Tree” para maiores informações.

<sup>3</sup> William Hendriksen, *New Testament Commentary: Mark* (Baker Books, 1975), p. 442.

típicas nas quais os comentaristas tentam fornecer justificação moral para como Jesus trata a figueira. Quando diz respeito a isso, devemos declarar que embora ambos os pontos sejam verdadeiros, os dois falham como justificação moral para a ação de Jesus.

Com respeito ao primeiro ponto, embora Jesus tivesse razão para esperar fruto na árvore por causa das folhas, isso por si só não pode justificar amaldiçoá-la porque a árvore falhou em satisfazer tal expectativa. Esses comentaristas diriam que outra pessoa, numa situação similar, estaria justificada em fazer o mesmo? Eles não apelariam ao ensino da Escritura e diriam que, em vez disso, devemos exercer paciência, gratidão e contentamento? Não temos a permissão de amaldiçoar alguém simplesmente por falhar em satisfazer o que parece ser uma expectativa “razoável”.

Com respeito ao segundo ponto, é irrelevante se a árvore funciona como um símbolo de outra coisa ou não, ou se Jesus está agindo por parábola ou não. A ação de uma pessoa não é automaticamente justificada simplesmente por ser simbólica. Se ela é errada em si, então é errada de qualquer forma. Eu não tenho a permissão de matar alguém conquanto minha intenção seja estabelecer um ponto sobre algo mais. Não tenho a permissão de roubar alguém simplesmente por estar agindo por parábola.

Assim, ambos os pontos falham em fornecer justificação moral para a ação de Jesus. O problema real é que os comentaristas têm assumido um ponto de referência centrado no homem à medida que lêem a passagem, e assim, aplicam às ações e mandamentos divinos um padrão humano – um padrão que é ele mesmo subordinado e julgado pelas ações e mandamentos divinos. O ponto de referência apropriado deve ser centrado em Deus, e esse é o direito e o poder soberano de Deus. O que Deus realiza e o que Deus ordena é justo por definição. Ao invés de requerer justificação ou explicação moral por nosso padrão, o reverso é verdadeiro – suas ações e mandamentos constituem o padrão pelo qual  *nossas* ações devem ser julgadas.

Deus e sua criação é como o oleiro para com o barro. Ele tem o direito de fazer o que quiser, então destruir, fazer algo novo, e então destruir novamente. Ele pode ordenar também que suas criaturas realizem o que é normalmente proibido, tal como quando disse a Abraão para sacrificar Isaque. Sim, Jesus está agindo por parábola, mas e daí se não estivesse? E daí se Deus decide destruir uma árvore simplesmente porque ela falha em produzir fruto, embora o produzir fruto seja totalmente dependente do poder do próprio Deus? E daí? Por que ele precisa explicar isso a alguém, ou provar que tratou a árvore justamente? E por qual padrão de “tratamento ético de árvores” iremos julgar a Deus?

Agora, se você pede que um servo faça-lhe um favor, alguma gratidão é sempre adequada, e a recompensa é algumas vezes esperada. Mas quando Deus lhe diz para fazer algo, ele deve dizer “por favor”? E após ser feito, ele deve lhe agradecer? Não, ele não “agradecerá ao servo por ter feito o que lhe foi ordenado”; por outro lado, devemos dizer, “somos servos inúteis; apenas cumprimos o nosso dever” (Lucas 17:9-10).

A confusão resulta quando esquecemos a distinção entre senhor e servos, e julgamos o senhor como se fosse um dos servos. Mas não há nenhuma hipocrisia em falar sobre o senhor, pois num sentido, a mesma regra se aplica a senhor e servos – isto é, ambos agem pelas regras do senhor, o que o senhor considera como correto e apropriado. Um servo é bom enquanto obedecer ao seu senhor, e a integridade do senhor é intacta enquanto agir por suas próprias regras – em outras palavras, enquanto ele aprovar suas próprias ações.

Deus pode fazer o que quiser com uma árvore, ou mandar alguém fazer o que ele quiser com a mesma – é a sua árvore! Até mesmo considerar a necessidade de fornecer justificação moral para sua ação já é tratá-lo como se fosse um mero homem. Problemas na interpretação bíblica e formulação teológica ocorrem quando as pessoas olham para Deus como se ele fosse uma criatura, de forma que deva ser julgado como uma. Mas nenhuma justificação moral é necessária. A questão nunca deveria ser levantada, de forma alguma. A Escritura diz que Jesus sempre cumpre a vontade do Pai, e isso deveria ser suficiente para nós.

Todavia, Jesus amaldiçoa a figueira por uma razão, e Marcos nos diz isso por uma razão também. A abordagem correta não é procurar justificação moral, visto que é desnecessária, mas procurar a intenção ou significado, e isso descobriremos e discutiremos a medida que continuarmos com a nossa passagem.

#### v. 15-19

Quando Jesus chega em Jerusalém, ele entra no templo, provavelmente no pátio dos gentios. Essa era a área exterior do templo, e o único lugar onde os não-judeus tinham a permissão de adorar. Mas a adoração era impossível, visto que o lugar tinha se tornado um ambiente de comércio agitado.

Ali encontravam-se cambistas, aqueles que vendiam pombas, e aqueles que carregavam mercadorias pelo templo. Os cambistas eram aqueles que trocavam dinheiro estrangeiro em moeda aceitável na área do templo. Muitos peregrinos vinham de muito longe. Seria difícil para eles trazer seus animais para o sacrifício, e então arriscar que os mesmos não passassem pela inspeção do templo.

Num sentido, esses comerciantes estavam realizando um serviço necessário; contudo, a forma como eles ocupavam a área estava profanando a área do templo, e ao invés de promover a adoração, a forma como conduziam os negócios na verdade impedia a mesma. Provavelmente eles tomavam vantagem dos peregrinos, cobrando preços altos pelos animais e oferecendo-lhes taxas de câmbio absurdas.

Quanto àqueles que “carrega[vam] mercadorias pelo templo”, eles estavam usando a área do templo como um atalho quando viajavam entre o Monte das Oliveiras e a cidade. Sem dúvida, suas atividades não contribuíam de forma alguma para a adoração; antes, estavam obstruindo a adoração por conveniência e comércio.

Hendriksen observa que o Senhor não expulsa somente os vendedores do templo, mas os compradores também.<sup>4</sup> Eles podem parecer inocentes a princípio, e podemos até mesmo dizer que são vítimas dos comerciantes gananciosos e irreverentes, mas eles não são inteiramente inculpáveis no fato de tolerarem essa abominação no templo. Eles não tinham vindo adorar o Deus deles? Então, deveriam ser zelosos em preservar a honra de seu nome e a pureza do seu templo.

Alguns comentaristas novamente ficam nervosos nesse ponto e se embaraçam para oferecer alguma justificação moral para essa “explosão de raiva” que o nosso Senhor exhibe. Mas a resposta é a mesma. Não há nada para explicar, pois não há nada de errado com o ele faz aqui. Cristo é o Senhor do templo, e de fato “maior que o templo” (Mateus 12:6), e isso é o que ele pensa sobre o que estava acontecendo no lugar de adoração. O réu é a falsa impressão de que Jesus é sempre meigo, de voz suave e até mesmo um tipo de pessoa efeminado.

---

<sup>4</sup> Ibid., p. 452.

No Evangelho de João, à medida que Jesus expulsa os comerciantes do templo e grita, “Tirem estas coisas daqui! Parem de fazer da casa de meu Pai um mercado!”, seus discípulos lembraram-se que a Escritura diz, “O zelo pela tua casa me consumirá” (João 2:16-17). A verdadeira piedade é sempre acompanhada de zelo piedoso. Você não pode ser fiel e não zeloso ao mesmo tempo. Você não pode se dizer espiritual e permanecer calmo quando o nome de Deus é blasfemado e seus adoradores enganados e abusados. Esse é o porquê o episódio do templo é tão chocante para alguns leitores – eles não têm nenhum zelo e não entendem o que é zelo. Eles têm uma fé cortês que se importa mais com a propriedade social do que com a honra de Deus. Para eles, isso é caráter cristão, e é surpresa para eles quando Jesus não age como um “cristão”, ou seja, como eles! Mas há tempo para ser gentil, e tempo para ser duro.

Jesus não se irrita no templo e deixa a cena, mas ensina o povo a partir da Escritura, e diz: “Não está escrito: ‘A minha casa será chamada casa de oração para todos os povos’? Mas vocês fizeram dela um ‘covil de ladrões’”. Primeiro, ele cita Isaías 56:7, onde Deus designa o templo como uma casa de oração *para todas as nações* (RA). Longe de preservar o templo para o seu uso intencionado, os judeus tinham feito dele “um covil de ladrões”. A expressão vem de Jeremias 7:11. Ali o contexto tem a ver com uma falsa confiança – um falso senso de segurança – no templo de Deus.

Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Corrijam a sua conduta e as suas ações, eu os farei habitar neste lugar. Não confiem nas palavras enganosas dos que dizem: ‘Este é o templo do Senhor, o templo do Senhor, o templo do Senhor!’

Mas se vocês realmente corrigirem a sua conduta e as suas ações, e se, de fato, tratarem uns aos outros com justiça, se não oprimirem o estrangeiro, o órfão e a viúva e não derramarem sangue inocente neste lugar, e se vocês não seguirem outros deuses para a sua própria ruína, então eu os farei habitar neste lugar, na terra que dei aos seus antepassados desde a antigüidade e para sempre. Mas vejam! Vocês confiam em palavras enganosas e inúteis.

“Vocês pensam que podem roubar e matar, cometer adultério e jurar falsamente, queimar incenso a Baal e seguir outros deuses que vocês não conheceram, e depois vir e permanecer perante mim neste templo, que leva o meu nome, e dizer: ‘Estamos seguros!’, seguros para continuar com todas essas práticas repugnantes? Este templo, que leva o meu nome, tornou-se para vocês *um covil de ladrões*? Cuidado! Eu mesmo estou vendo isso”, declara o Senhor. (Jeremias 7:3-11)

O povo no tempo de Jeremias estava oprimindo estrangeiros, órfãos e viúvas; estavam derramando sangue inocente, e seguindo outros deuses. Eles tinham feito do templo “um covil de ladrões”, mas ainda pensavam estar a salvo. Eles apelavam ao templo para proteção e prosperidade, mas Deus lhes disse que eles precisavam reformar seus caminhos, pois somente então ele permitiria que eles permanecessem e prosperassem na terra.

A relevância para a passagem de Marcos é óbvia. O templo estava tumultuado de pessoas e atividades, mas não existia nenhuma adoração real, nenhuma reverência verdadeira. Eles usavam o lugar para seu proveito financeiro, para progresso social, e



algumas vezes apenas por mera conveniência. No processo, sobrepujavam qualquer um que viesse oferecer oração e adoração sincera.

O ponto em Jeremias não é que as pessoas estavam usando o templo para *roubar*, mas que estavam usando-o como um *avil* de ladrões – um lugar de descanso e segurança para criminosos. Da mesma forma, embora os comerciantes estivessem provavelmente “roubando” os peregrinos e adoradores com seus altos preços e taxas de câmbio injustas, ao aludir a essa expressão em Jeremias, Jesus também condena sua falsa segurança no edifício e o sistema do templo. Eles estavam agindo como se nada aconteceria a eles porque tinham o templo de Deus, e recusavam reformar seus caminhos. Mas e se Deus abandonasse o seu próprio templo? Consideraremos isso quando chegarmos ao versículo 20 em diante.

Como essa parte da nossa passagem fala à igreja contemporânea! O mercantilismo que está ligado ao Cristianismo de hoje é menos grosseiro e vergonhoso? Um livro pode ser teologicamente fraco ou mesmo herético, mas se prova ser popular, então recebe uma nova capa e é lançado como devocional diário. Após isso vem um diário de oração que pretende reforçar sua mensagem. Então vem os guias de estudos, cartões comemorativos, pôsteres, calendários, braceletes, mochilas, camisetas, músicas, jogos, piqueniques, almoços, seminários, retiros, cruzeiros, e assim por diante, tudo cavalcando sobre o tema do livro popular.

Os não-cristãos riem da estupidez e hipocrisia de tudo isso, e como não há substância no movimento, alguns dos seguidores eventualmente ficam desiludidos. Mas não se preocupe, pois aqui vem outro. *Esse* mudará tudo. Como no templo, é claro que os compradores são pelo menos tão culpados quanto os vendedores. Eles desfrutam do mercantilismo. Eles amam imitar os incrédulos conquanto coloquem um rótulo cristão no que vendem, compram e fazem.

Os cristãos professos mostram algum respeito por Deus e pelos adoradores maior que esses judeus nos dias de Cristo? Alguns deles usam a igreja para fazer contatos de negócios e vender seus produtos. Outros estão ali procurando pessoas gananciosas e crédulas a quem possam enganar, “cristãos” que estão ávidos para entrar em outro esquema para ficar rico, ou economizar dinheiro mediante meios questionáveis ou mesmo ilegais. Algumas vezes a liderança da igreja sabe o que está acontecendo, mas estão indispostos em fazer algo sobre isso. Mas essa é uma daquelas coisas que sua autoridade espiritual deveria resolver. Eles devem proteger as ovelhas dos lobos, bem como repreender as ovelhas por serem mundanas, gananciosas e crédulas.

Quanto a favorecer a conveniência acima da adoração, existem vários sinais disso nos crentes de hoje. Não mencionaremos o escandaloso e extremo, mas o que dizer de algo aparentemente menos significativo como responder uma chamada de celular durante uma reunião da igreja? É ruim o suficiente esquecer de desligar o telefone, mas se a pessoa atende a chamada e inicia uma conversação, embora breve, podemos dizer que ela não tem nenhum respeito por Deus ou pelo restante de nós que desejam se concentrar nas coisas de Deus. Se a pessoa chamando é tão importante, convide-a à igreja! Se é uma chamada de negócios, então ele deve escolher entre Deus e Mamon.

A área do templo não tinha se tornado num mercado sem a permissão dos sacerdotes, que estavam provavelmente recebendo uma bela porção dos lucros das transações dos comerciantes. A ação e o ensino de Jesus angustiou grandemente esses sacerdotes, não somente porque ele tinha brevemente interrompido as atividades comerciais, mas porque tinha exposto a apostasia deles e minado sua autoridade. Assim, ele coloca uma ameaça ao bem estar econômico deles, bem como à sua posição social.

Ao invés de serem levados ao auto-exame e arrependimento, agora eles conspiram para matar Jesus. Eles pensavam que tinham posição espiritual com Deus porque Abraão era o seu ancestral natural, mas ele lhes disse em outro lugar: “Se vocês fossem filhos de Abraão, fariam as obras que Abraão fez. Mas vocês estão procurando matar-me, sendo que eu lhes falei a verdade que ouvi de Deus; Abraão não agiu assim” (João 8:39-40).

Embora fossem descendentes naturais de Abraão, espiritualmente falando, eles não tinham nada dele, mas eram como os seus ancestrais que tinham matado os profetas lhes enviados. Jesus percebe sua hipocrisia, e lhes diz em Mateus 23: “Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês edificam os túmulos dos profetas e adornam os monumentos dos justos. E dizem: ‘Se tivéssemos vivido no tempo dos nossos antepassados, não teríamos tomado parte com eles no derramamento do sangue dos profetas’. Assim, vocês testemunham contra si mesmos que são descendentes dos que assassinaram os profetas” (v. 29-31). Mas eles estavam explorando o templo por benefício financeiro e conspirando para assassinar aquele que se opunha a eles. Contrário às suas afirmações, eles eram exatamente como os apóstatas do tempo passado, a quem Deus puniu e exilou da terra.

Com essa menção dos pecados passados e exílios de Israel, estamos finalmente prontos para considerar o significado da figueira, sobre o qual já dei algumas dicas várias vezes até aqui. E isso nos leva à próxima seção do nosso estudo.

#### v. 20-21

No relato de Marcos, a visita de Jesus ao templo (v. 15-19) é colocada entre o amaldiçoar da figueira (v. 12-14) e o murchamento da figueira (v. 20-21), ou mais precisamente, a percepção dos discípulos de que a figueira tinha murchado. A ordem é cronológica, de forma que não *demanda* uma explicação; todavia, isso naturalmente produz um efeito que não devemos ignorar.

Imagine que você esteja assistindo a um filme. Quando uma nova cena começa, a câmera se foca sobre uma minúscula flor amarela crescendo entre as fendas da calçada. De repente, você ouve gritos cansados e ruidosos... a câmera se afasta da flor... um carro passa correndo e freia violentamente na calçada. Vários homens saem rapidamente do carro, e ao mesmo tempo, a câmera foca a face de um jovem, talvez o protagonista. Sua expressão exhibe medo e determinação ao mesmo tempo. Alguém atrás dele puxa-o para fora do carro, e diz: “Vamos!”.

O que está acontecendo? O jovem nunca tinha conhecido o crime, mas por meio de várias circunstâncias e decisões, tinha se unido com a multidão errada. Agora eles arrombam uma loja na estrada, arrancam suas armas, e berram: “Dêem-me todo o seu dinheiro!”. Segundos após, o líder sai da loja e olha ao redor, e então volta para o carro, seguido pelo restante.

A câmera se foca na flor novamente. Esquecemos tudo sobre ela? Quão bela ela é! Veja a cor brilhante, e a forma das folhas. Você se maravilha com o fato dela ter brotado num terreno tão áspero. Então, um dos ladrões fugitivos pisa na flor enquanto corre para o carro. Quando ele levanta o seu pé, você percebe que a flor foi esmagada, e seu caule cortado da base.

A importância da flor é óbvia, e quanto mais contexto você receber, mais óbvia ela será para você. Ela representa o jovem, o protagonista da história. Sua vida e beleza é



como a esperança e inocência dele. Ao colocar o roubo entre a vida e a morte da flor, o homem se torna identificado com a flor, e o que acontece à flor é o que acontece ao homem. De fato, nesse caso, a flor “atua” algo que está acontecendo no coração do homem, algo que, a despeito do roubo, permanece menos óbvio exteriormente.

Da mesma forma, ao colocar o episódio do templo entre o amaldiçoar e o murchamento da figueira, Marcos identifica o templo – ou por implicação, o sistema de adoração do templo e o privilégio único dos judeus de terem o templo de Deus em seu meio – com a figueira. O que acontece à figueira é o que acontece ao templo. Que a figueira tem sido repetidamente usada para representar Israel no Antigo Testamento torna o simbolismo ainda mais óbvio e inequívoco (Oséias 9:10; Joel 1:7; Zacarias 3:10).

Com isso em mente, revisemos a história novamente. Quando Jesus se aproxima da figueira a caminho para Jerusalém (v. 12-14), ele encontra nela apenas folhas mas nenhum fruto, e assim a amaldiçoa, dizendo: “Ninguém mais coma de seu fruto”. Isso gera imediatamente tensão na mente do leitor. Por que Jesus fez isso?

Novamente, a questão não é, ou pelo menos *não deveria* ser, “qual a justificação moral de Jesus para fazer isso?”, visto que nenhuma justificação moral é necessária. Uma tensão requerendo justificação moral para a ação de Jesus seria uma tensão somente entre as suposições anti-bíblicas do leitor contra a justiça perfeita que Jesus sempre exhibe à medida que cumpre a vontade do seu Pai. Antes, a tensão pretendida e legítima é gerada pela distância entre a pergunta e a resposta – isto é, parece que Jesus não *tinha que* amaldiçoar a figueira, mas por que o fez? Ele deve ter uma razão. O incidente deve ter algum significado. Mas qual?

Sem remediar essa tensão que ele criou, Marcos nos leva ao templo em Jerusalém. Ali Jesus encontra um centro de religião que está tumultuado de atividades, mas mesmo uma inspeção casual revela que eles não constituíam ou contribuíam para a verdadeira adoração. Mais do que isso, essas atividades de fato tornavam a verdadeira adoração impossível, e impediriam qualquer buscador sincero de usar o templo para o seu propósito intencionado. Em outras palavras, como a figueira com folhas mas nenhum fruto, havia muito barulho e movimento no templo, mas nenhuma substância espiritual. Havia uma aparência de dedicação religiosa, mas não havia nenhuma realidade e poder nisso.

Nesse ponto, a tensão gerada pelo amaldiçoar da figueira permanece fresca na mente do leitor, visto que ele ainda não sabia o que aconteceria. Mas se vinha prestando atenção, já agora ele deveria entender o porquê Jesus amaldiçoar a figueira antes. Da mesma forma que ele responde com uma maldição – um pronunciamento da destruição *final* – à árvore com somente folhas mas nenhum fruto, assim ele destruirá um sistema religioso que parece ativo exteriormente, mas que é sem vida e fé interiormente.

A justaposição da figueira e o templo, enquanto a tensão criada pelo amaldiçoar da figueira ainda está fresca na mente, leva o leitor a perceber os dois incidentes como uma unidade. Então, quando ele chega aos versículos 20 e 21, descobre o que aconteceu com a figueira. A tensão é resolvida, e à medida que identifica a figueira com o templo em seu pensamento, agora ele não pode mudar a impressão que o que aconteceu à figueira é também o que acontecerá ao templo. Em adição, o fato que a figueira é de fato *destruída* (seca desde as raízes) sugere que a ação de Jesus no templo representa algo que é maior do que aparenta, algo mais destrutivo e mais final – isto é, a destruição do próprio templo.

Como se o ponto fosse muito sutil, Marcos aborda-o novamente e novamente, e com clareza crescente. Tome como um exemplo a parábola no começo do capítulo 12,

uns poucos versículos após nossa passagem. Não podemos examiná-la por completo, mas o final é suficiente para ilustrar o ponto: “O que fará então o dono da vinha? Virá e matará aqueles lavradores e dará a vinha a outros. Vocês nunca leram esta passagem das Escrituras?” “A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular; isso vem do Senhor, e é algo maravilhoso para nós” (v. 9-11; também Mateus 21:43).<sup>5</sup> A mensagem estava se tornando muito explícita: “Então começaram a procurar um meio de prendê-lo, pois perceberam que era contra eles que ele havia contado aquela parábola” (v. 12).

Quando chegamos no capítulo 13, figuras de linguagem são substituídas pela explicação clara. Nos dois primeiros versículos, somos informados – diretamente e sem simbolismo – que o templo seria destruído: “Quando ele estava saindo *do templo*, um de seus discípulos lhe disse: ‘Olha, Mestre! Que pedras enormes! Que construções magníficas!’ ‘Você está vendo todas estas grandes construções?’, perguntou Jesus. ‘Aqui não ficará pedra sobre pedra; serão todas derrubadas’” (v. 1-2).

Jesus até mesmo especifica o tempo quando isso aconteceria, dizendo: “Eu lhes asseguro que não passará *esta graça* até que *todas estas coisas* aconteçam” (v. 30). A parábola no capítulo 12 nos informou que, porque o povo tinha matado o filho do dono da vinha (v. 6-7), “[ele] virá e matará aqueles lavradores e dará a vinha a outros” (v. 9). Mais tarde, quando os judeus estavam pedindo que Jesus fosse crucificado, eles disseram: “Que o sangue dele caia *sobre nós* e *sobre nossos filhos*!” (Mateus 27:25). Dessa maneira, eles amaldiçoaram sua própria geração e profetizaram sua perdição.

A história nos diz que as coisas aconteceram no ano 70 d.C., exatamente como Jesus predisse. Os romanos marcharam para Jerusalém, e destruíram o templo juntamente com seu sistema de adoração. Multidões de judeus foram assassinadas, mas os cristãos foram salvos, visto que Jesus tinha dito, “...os que estiverem na Judéia fujam para os montes” (13:14). Os crentes obedeceram, e foram preservados.

Em todo o caso, a verificação histórica é infinitamente inferior à inspiração divina. A palavra de Deus é infalível, de forma que mesmo que não possuíssemos nenhuma referência extra-bíblica, sobre a base dos Evangelhos apenas, poderíamos estar igualmente certos que o templo foi destruído dentro da geração da predição de Jesus. Que historiadores concordem com a Bíblia não adiciona nada a ela, visto que ela já é perfeita e completa; antes, é a Bíblia que proporciona credibilidade a qualquer historiador que concorde com ela.

## v. 22-25

Pedro diz a Jesus no versículo 21: “Mestre! Vê! A figueira que amaldiçoaste secou!”. Então nos versículos 22-25, parece que ao invés de dizer algo relevante em resposta, Jesus subitamente muda de assunto e começa a ensinar sobre fé, oração e perdão. Contudo, embora esses versículos de fato discutam fé e oração, eles podem de fato fazer muito bom sentido quando interpretados dentro do contexto da destruição do templo. Visto que temos estado envolvidos com o tema do templo durante todo o tempo, examinaremos primeiramente esses versículos a partir desse ângulo, e então discutiremos as aplicações específicas que eles têm para fé e oração.

<sup>5</sup> “Portanto eu lhes digo que o Reino de Deus será tirado de vocês e será dado a um povo que dê os frutos do Reino” (Mateus 21:43).

Quando Salomão dedicou seu templo em 1 Reis 8, ele orou: “Estejam os teus olhos voltados dia e noite para este templo, lugar do qual disseste que nele porias o teu nome, para que *ouças a oração* que o teu servo fizer voltado para este lugar. Ouve as súplicas do teu servo e de Israel, o teu povo, quando orarem voltados para este lugar. Ouve desde os céus, lugar da tua habitação, e, *quando ouvires, dá-lhes o teu perdão*” (v. 29-30).

Observe a conexão que ele faz entre o templo e a oração, e o templo e o perdão. Na mente de um judeu, essa é a casa de oração, e o lugar onde ele oferece sacrifícios por seus pecados. Mas alguns tinham amarrado tanto a adoração, oração e perdão a esse lugar e seu sistema, que isso tinha produzido em seu pensamento não somente uma falsa concepção de piedade, mas também um falso senso de segurança. Lembre-se da passagem de Jeremias, onde o profeta repreende o povo por oprimir os estrangeiros, o pobre, os órfãos e as viúvas, e por seguir falsos deuses, e ainda assim pensarem que nenhum mal cairia sobre eles, pois tinham o templo do Senhor.

Isso nos leva à pergunta que levantamos no começo: Mas e se Deus abandonar o seu próprio templo? Como então as orações do povo seriam respondidas? E como eles encontrariam perdão pelos seus pecados? Os versículos 12-21 nos dizem que a religião deles tinha apenas folhas mas não fruto, e ao invés de tolerá-la mais um pouco, Deus pronunciou uma maldição final sobre ela. Dentro de uma geração, o templo e seu sistema seria destruído, e os judeus seriam exterminados ou espalhados. O que seria da verdadeira adoração? Como o homem entraria em contato e favor com Deus?

Jesus responde: “Tenham fé em Deus”.<sup>6</sup> Ninguém jamais foi justificado sobre a base da obediência à lei, mas a base de uma relação correta com Deus sempre foi a fé e nada mais. Como Hebreus 11:6 diz: “Sem fé é impossível agradar a Deus, pois quem dele se aproxima precisa crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam”. O versículo não diz que você deve agradar a Deus ou vir a ele por meio do sistema do templo, mas como Paulo explica: “Assim, a Lei foi o nosso tutor até Cristo, para que fôssemos justificados pela fé. Agora, porém, tendo chegado a fé, já não estamos mais sob o controle do tutor” (Gálatas 3:24-25).

O assunto sempre foi a fé, e esse era o problema com os judeus. Embora estivessem envolvidos na oração e sacrifício, permaneciam na incredulidade. “Portanto”, disse Jesus, “eu lhes digo que o Reino de Deus será tirado de vocês e será dado a um povo que dê os frutos do Reino” (Mateus 21:43). Sem dúvida, o reino de Deus não pode ser destruído, mas agora a administração da graça não é ligada ao tempo judeu, mas à Igreja de Deus, um templo feito sem mãos, constituído daqueles que são circuncidados no coração pelo Espírito (veja João 4:19-24).

Em adição, a verdade é que todos os elementos da adoração no templo permanecem, mas agora os temos em sua manifestação plena, e não na forma de tipos e sombras. Há Jesus nosso mediador, Jesus nosso sacrifício, e o Santo dos santos celestial, ao qual temos pronto acesso pela fé em Cristo por meio do Espírito de Deus.

A passagem indica que embora não tenhamos mais um templo – isto é, o edifício – nossas orações não são enfraquecidas. Mesmo sem o templo, a fé ainda pode ir tão longe a ponto de mover montanhas (v. 23), e receber “tudo o que” pedirmos em oração (v. 24). Quanto ao perdão, embora o sistema de sacrifício animal tenha desaparecido, o verdadeiro sacrifício chegou e permanece, que é Jesus Cristo o Cordeiro de Deus. Assim,

<sup>6</sup> As traduções alternativas, “tenham a fé [fidelidade] de Deus” e “vocês têm a fidelidade de Deus” também são consistentes com a interpretação que oferecerei abaixo. O versículo então se referiria ao fato que nossa condição espiritual depende da fidelidade de Deus, e não do sistema do templo. A ênfase sobre a nossa fé para com Deus é retida nos versículos 23 e 24.

o perdão pertence a qualquer um que tenha fé – não a mera aparência de piedade, mas a verdadeira fé fundamentada no coração que foi transformado pela graça de Deus, e que pode agora estender livremente perdão a outros (v. 25; também Mateus 18:21-35).

Quanto à fé e oração, embora o contexto dos versículos 22-25 seja a falsa piedade dos judeus e a destruição do templo, esses versículos estabelecem vários pontos sobre fé e oração que são verdadeiros em si mesmos e no contexto mais amplo do ensino bíblico.

No versículo 21, Pedro se maravilha da figueira que Jesus amaldiçoou ter secado, desde as raízes. Jesus aparentemente deseja fazer com que seus discípulos pensem mais e lhes diz que se uma pessoa tiver fé, pode até mesmo ordenar que um monte seja arrancado e lançado no mar, e isso acontecerá. Do que entendemos sobre a localização do grupo no momento da conversação, “este monte” é o Monte das Oliveiras e “o mar” refere-se ao Mar Morto. Para o nosso propósito, importa pouco a que monte ou mar Jesus estava apontando. Contudo, que Jesus estava se referindo a um monte particular carrega certa significância, como veremos abaixo.

Comentaristas de todas as variedades e persuasões imediatamente lutam para afirmar que a declaração de Jesus não deve ser tomada no sentido literal, mas que o monte é simbólico de alguma dificuldade ou obstáculo (Zacarias 4:6-7). Embora eu concorde que o monte representa algo mais que apenas o monte físico remetido na declaração, e de fato “mover montes” seja uma expressão rabínica comum, eu insistiria que devemos tomar a declaração primeiro em seu sentido mais literal, e então reconhecer aquelas coisas que o monte literal simboliza.

É pura tolice pensar que se algo é um símbolo para algo mais, então o *próprio* símbolo não tem nenhum status literal. O cordeiro pascal representa Jesus Cristo, o sacrifício verdadeiro e final, mas havia de fato um cordeiro físico na Páscoa judaica. O versículo 23 mesmo é expresso no contexto da maldição da figueira. Com certeza, a figueira representa algo mais, mas existia realmente uma figueira, que Jesus amaldiçoou, e que então secou desde as raízes.

Como, então, podemos dizer que porque o monte é um símbolo para dificuldades e obstáculos, portanto o monte não é literal? Os mesmos comentaristas diriam que Jesus está apontando para o Monte das Oliveiras enquanto fazia a declaração. Assim, quando disse “*este* monte”, ele quis dizer *este* monte ou não? Ou quis dizer: “Se tiver fé, você pode dizer a *este* monte, mas não realmente a *algum* monte”? Não, se X é um símbolo para Y, então uma declaração usando X para estabelecer um ponto sobre Y se aplicaria a X e Y, não Y menos X.

Existe a alegação que a declaração é uma hipérbole, um exagero deliberado para estabelecer um ponto. Eu não objeto à idéia que Jesus algumas vezes use hipérbole como um recurso retórico ou literário para comunicar um ensino; contudo, o versículo 23 não pode ser assim interpretado. De fato, entendê-lo como somente hiperbólico produziria implicações blasfemas.

Deixe-me explicar. Sugerir que é hipérbole dizer que por meio da fé podemos ordenar até mesmo que um monte se mova implica que podemos realizar coisas menores por meio da fé. Isto é, se mover um monte é uma figura *exagerada* do poder da fé, então isso significa que a fé ainda pode realizar coisas menores que mover um monte.

Contudo, observe que Jesus diz, “Tenham fé *em Deus*”, e não “Tenham fé em vocês mesmos”. O que é realizado é feito em total confiança e dependência de Deus, por meio do poder e energia de Deus. Quando temos fé em Deus para algo ser realizado, tal como mover um monte, é realmente Deus quem realiza a tarefa.

Portanto, dizer que essa declaração é mera hipérbole é dizer que ela é um exagero do que Deus pode realizar, de forma que mesmo Deus não pode arrancar um monte e arremessá-lo no mar. Caso contrário, a interpretação implica que tudo o que é realizado pela fé é de fato nossa própria obra, de forma que uma fé que move um monte é um exagero porque *de nós mesmos* não podemos mover um monte. O primeiro nega a onipotência de Deus; o último equivale a deísmo. Deixarei que você decida qual é pior, mas é suficiente dizer que as duas implicações são errôneas. E porque as duas implicações são errôneas, a posição que gera as mesmas também deve ser. A declaração não pode ser mera hipérbole.

Então, mais que uns poucos comentaristas sugerem que o versículo 23 refere-se a precisamente o tipo de milagres que os judeus demandavam de Jesus, e que ele recusou realizar. Primeiro, da leitura dos Evangelhos, eu questiono se os judeus alguma vez requereram de Jesus um milagre *dessa* magnitude. Pode ser que nunca lhes ocorreu demandar algo como isso. Segundo, Jesus realizou tremendos sinais e maravilhas – na realidade, maiores do que foi demandado dele. Ele andou sobre a água, acalmou a tempestade, e aqui amaldiçoou a figueira e fê-la secar. Nem todos os grandes milagres foram realizados somente diante dos discípulos, pois ele também ressuscitou a Lázaro dentre os mortos diante de muitas testemunhas e multiplicou os peixes e os pães diante de milhares de pessoas (João 11:19, 45; 6:10). Nem ele recusou realizar milagres diante dos seus críticos. Por exemplo, ele curou publicamente um homem que tinha uma mão atrofiada diante dos fariseus e escribas (Lucas 6:7-10).

O que Jesus recusou fazer era operar milagres – grandes ou pequenos – *sob demanda*, especialmente quando o desafio vinha de incrédulos empedernidos, que já sabiam que ele podia operar milagres, e que não estavam procurando razões para crer, mas razões para condená-lo de algum crime. Assim, visto que Jesus realizou milagres muito grandes, e visto que ele fez muito deles em público e diante de céticos hostis, concluímos que o que os comentaristas dizem sobre Jesus recusando realizar grandes milagres é enganoso, e de fato absolutamente errado.

Então, há a observação tola de que existem milagres maiores que mover uma montanha, tal como a conversão dos corações humanos. Sem dúvida a conversão é maior. Como um provérbio chinês, traduzido de forma livre diz: “Um reino é fácil de mudar, mas a natureza de uma pessoa é difícil de mover”. Mas esse ponto milita contra a posição deles, pois se os milagres maiores como as conversões espirituais ocorrem todos os dias, então o que impediria que milagres muito menores como mover uma montanha acontecesse? É absurdo dizer que porque existem milagres maiores, portanto os muito menores *nunca* acontecem e nunca pretenderam acontecer.

Outra forma que alguns têm desafiado uma interpretação literal do versículo 23 é simplesmente perguntar: “O que há de bom nisso?” Por que alguém precisaria mover uma montanha, e fazê-lo mediante uma ordem verbal? Mas a questão é irrelevante para a discussão. Estamos considerando se isso *pode* acontecer, não se alguém *precisaria* que algo como isso acontecesse. Muitas coisas que nunca precisaríamos acontecer apesar disso. E mais, nenhum comentarista pode mostrar que uma necessidade de tal milagre jamais aconteceu em toda a história humana.

Em Mateus 21, quando os discípulos perguntam, “Como a figueira secou tão depressa?” (v. 20), Jesus replica: “Eu lhes asseguro que, se vocês tiverem fé e não duvidarem, poderão fazer não somente o que foi feito à figueira, mas também dizer a este monte: ‘Levante-se e atire-se no mar’, e assim será feito” (v. 21). Note que ele diz, “*não somente* o que foi feito à figueira, *mas também* dizer a este monte...”.



Com respeito a Mateus 21, um comentarista teve a coragem de dizer que, embora a figueira que Jesus amaldiçoou seja literal, quando ele diz no versículo 21 que os discípulos fariam o mesmo, a figueira se tornou simbólica, assim como o monte é simbólico. Seria mais fácil afirmar que a figueira que Jesus amaldiçoou é simbólica também, e que de alguma forma os discípulos testemunharam uma figueira simbólica que simbolicamente secou. É mais fácil simplesmente jogar a Bíblia fora e se tornar um não-cristão. Não há na verdade nenhuma concessão para uma interpretação somente simbólica da figueira ou do monte.

Parece que a razão mais comum para afirmar uma interpretação simbólica de Marcos 11:23 é simplesmente pura incredulidade. Esses comentaristas falham na própria coisa que o versículo promove – a idéia que as grandes coisas são possíveis quando uma pessoa crê em Deus e confia em seu poder. Mas a interpretação deles equivale a uma declaração velada que o que Jesus diz é falso.

Para algumas pessoas, outra razão para suavizar ou espiritualizar o versículo é impedir o abuso do mesmo. Em nosso tempo, existe um ensino que é popular em algumas seitas carismáticas. De fato, ele é tão prevalecente que podemos até mesmo chamá-lo de um movimento. Supostamente derivado de Marcos 11:23 e versículos similares, o ensino diz que se uma pessoa crê, então não importa o que ela diga acontecerá, e a aplicação diligente desse ensino pode trazer saúde e riqueza a alguém. Comentaristas receiam de dizer algo que encorajaria tal ensino. Contudo, suavizar ou espiritualizar ilegitimamente um versículo bíblico é uma forma equivocada de solucionar o problema do abuso. Além do mais, o versículo *diz* que se uma pessoa crê, então o que ela disser acontecerá. É fútil reagir ao abuso negando o que o versículo clara e literalmente significa.

A maneira apropriada de atacar o abuso não é alterar o significado do versículo, mas criticar o falso ensino onde ele verdadeiramente se desvia da Escritura. Para ilustrar, levantarei dois pontos sobre o ensino em questão. O primeiro tem a ver com a natureza da fé, e o segundo tem a ver com a origem da fé, ou como a fé é gerada. Esses dois pontos não cobrem todas as idéias errôneas esposadas pelo ensino, mas nosso propósito presente é chegar a um entendimento correto positivo do versículo 23, e nada mais.

Primeiro, esse falso ensino concebe a fé como uma força que é poderosa em si mesma. Algumas vezes isso é menos esotérico e equivale a uma versão cristianizada da doutrina auto-centrada do “pensamento positivo”. Seus proponentes nem sempre são consistentes nisso, mas quando falam a partir de tal perspectiva, eles não se referem à fé como a crença e confiança da pessoa num objeto apropriado – como em Deus, suas promessas, e assim por diante – mas que a crença é, *ela mesma*, o poder que produz os efeitos desejados. Atacar essa concepção errônea de fé irá ao mesmo tempo mostrar o abuso do versículo 23.

Segundo, o falso ensino apela a Romanos 10:17 (“a fé vem por se ouvir”, NVI) e afirma que a fé é produzida por ouvir as palavras da Escrituras novamente e novamente. Uma forma de fazer isso é uma pessoa pronunciar repetidamente alguns versículos bíblicos selecionados para si mesma. Por exemplo, uma pessoa doente pode dizer “Por suas feridas, fui curado” (veja 1 Pedro 2:24) centenas de vezes num dia. Ela poderia duvidar da declaração a princípio, mas eventualmente se tornará convencida que é verdade, e então pelo princípio ensinado em Marcos 11:23, a cura física se seguirá.

Quando eles tentam se opor a esse ensino, muitas pessoas terminam atacando a própria Escritura. Eles criticariam o princípio que um cristão pode ordenar que coisas aconteçam pela fé. Mas esse princípio é *exatamente* o que Jesus ensina. Aderentes do falso ensino estão certos em alegar que é pura incredulidade sugerir que Jesus não queria dizer



literalmente o que disse no versículo 23. Todos os cristãos deveriam afirmar que se temos fé, então podemos ordenar que uma montanha se mova, e isso acontecerá. Jesus demonstrou isso com a figueira, e então disse que podemos fazer o mesmo e ainda mais, se tivermos fé. Assim, a menos que estejamos dispostos a sacrificar a inspiração da Escritura devido à incredulidade, esse princípio não está sujeito a debate.

O que há de errado com o falso ensino não é o entendimento deles do princípio, mas o entendimento deles da fé. Primeiros, eles concebem erroneamente a fé como uma força – que o poder reside na crença *como tal* – ao invés de entender a fé como a crença nas proposições divinamente reveladas que requer o exercício ativo de Deus do seu poder para fazer o bem. Segundo, eles concebem erroneamente a fé como algo que podem produzir em si mesmos, ao repetidamente ouvirem proposições bíblicas.

O primeiro equívoco torna a definição deles de fé totalmente não-cristã. Esse ponto sozinho é suficiente para refutar a doutrina deles com respeito a Marcos 11:23. Mas o segundo ponto é ainda mais relevante para o nosso propósito principal, que é obter um entendimento positivo correto do versículo. Para revisar, Jesus ensina o princípio, “se tivermos fé, então podemos mover montanhas”. Comentarista têm se focado em qualificar a porção “podemos mover montanhas” do princípio. Mas eu sugiro, ao contrário, que deveríamos nos focar na porção “se tivermos fé”.

Aqui está a resposta, então. A Bíblia diz que a fé vem pelo ouvir a Palavra de Deus. Disso, o falso ensino em questão tem inferido que a fé *sempre* vem quando uma pessoa ouve a palavra de Deus. Mas o versículo não diz tal coisa. No contexto, o versículo está falando sobre a pregação do evangelho. Como Paulo escreve: “Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram falar? E como ouvirão, se não houver quem pregue?” (Romanos 10:14). Mas em nenhum lugar é sugerido que *todos* que ouvem o evangelho crerão e assim serão salvos.

A salvação vem quando uma pessoa crê no evangelho, e uma pessoa pode crer no evangelho somente quando descobre o que é o evangelho e o que ele diz. Assim, alguém deve ir e pregar o evangelho, de forma que as pessoas possam ouvi-lo. Mas o ponto não é que todo aquele que ouvir o evangelho se tornará um cristão. Ainda menos Paulo está sugerindo que quanto mais uma pessoa ouve, mais fé ele tem *garantia* de receber. O falso ensino em questão confunde como a fé é usualmente promovida ou “entregue” com o que realmente faz uma pessoa crer no que ouve.

Assim, o que faz uma pessoa crer na Palavra de Deus quando a ouve? A Bíblia ensina que tanto a fé como a incredulidade são controladas por Deus. Ela ensina em inúmeros lugares que uma pessoa recusa crer porque Deus ativamente opera em sua mente para endurecer seu coração (João 12:39-40). Assim, uma pessoa pode ouvir a Palavra de Deus todos os dias durante meio século, mas a menos que Deus soberanamente conceda-lhe fé para crer no que ouve, ela permanecerá na incredulidade.

O tipo de convicção que surge de nada mais que uma repetição prolongada pode muito bem ser o efeito de lavagem cerebral, por falta de um termo melhor. É verdade que pode existir uma relação entre a exposição contínua à Bíblia e um crescimento da fé, mas por ora estou me referindo à mera repetição sem a operação do Espírito. Se o tipo de fé sobre a qual a Bíblia fala pode vir dessa forma, então a forma mais eficaz de evangelismo seria seqüestrar os incrédulos e trancá-los num quarto onde a Bíblia é tocada em alto som todos os dias e todas as noites. Não haveria nenhuma necessidade de oração, persuasão ou da obra do Espírito Santo.

Mas novamente, a convicção resultante seria o resultado de mera lavagem cerebral, e a profissão de fé uma mera imitação do que tem sido ouvido, similar a como

uma pessoa insana poderia murmurar sem pensar algumas das frases que ouve por acaso ou são lhes ditas por outros. Não haveria nenhuma crença genuína nas promessas de Deus, mas a convicção serviria somente como a substituição morta e impensada para as crenças anteriores da pessoa que foi agora forçosamente eletrocutada pelo processo. A pessoa poderia se sentir convencida, mas não existe nenhum poder e nenhuma salvação nesse tipo de “fé”.

A verdadeira fé é um dom de Deus (Efésios 2:8). Em 1 Coríntios 12:9, Paulo se refere ao tipo de fé que é uma manifestação especial do Espírito. De sua menção em 1 Coríntios 13:2 – isto é, no contexto de manifestações espirituais – entendemos que fé é ~~esse~~ tipo de fé que move montanhas. Assim como a fé para crer no evangelho para salvação é soberanamente concedida por Deus a quem ele escolher, essa manifestação especial de fé é concedida também “como [ele] quer” (1 Coríntios 12:11).

Esse entendimento bíblico de fé remete o cumprimento de Marcos 11:23 à mão soberana de Deus. No processo, destrói o falso ensino em questão sem comprometer o princípio ensinado por Jesus – que se tivermos fé, teremos tudo o que dissermos. A diferença é que se teremos fé, ou se teremos esse tipo de fé, depende inteiramente da decisão de Deus. Ele poderia nos concedê-la por meio de sua palavra, mas ouvir sua palavra não garante esse tipo ou nível de fé.

Nossa fé depende da obra do Espírito, que aplica a palavra de Deus aos nossos corações e nos convence de sua verdade, dando-nos confiança de seu efeito, poder e relevância. Os comentaristas acima ficariam aliviados de eu ter fornecido uma forma legítima de explicar como o que Jesus diz *não* aconteceria. Mas eu também expliquei como isso *poderia* acontecer – acontece quando Deus concede a fé. Assim, resta aos comentaristas, ou aqueles que pensam como eles, afirmar que Deus *nunca* concederá esse tipo de fé. Contudo, não existe nenhuma evidência bíblica para isso, e se Deus nunca concederia esse tipo de fé *mesmo em princípio*, então isso tornaria a declaração de Jesus sem sentido. Dessa forma, parece que a sugestão uma vez mais procede simplesmente da incredulidade.

Para recapitular, o versículo 23 ensina que se tivermos fé, podemos até mesmo ordenar que uma montanha se mova, e isso acontecerá. É dessa mesma perspectiva que podemos derivar um entendimento correto do versículo 23. Nesse versículo, Jesus se refere a “tudo o que vocês pedirem em oração”. Os comentaristas novamente amontoam qualificações sobre qualificações para isso, até que afundam o versículo em incerteza e incredulidade, tornando-o praticamente inútil para os leitores. Sem dúvida qualquer promessa escriturística deve ser entendida dentro do amplo contexto da Bíblia. Contudo, esse versículo é claramente positivo em intenção, e deveria se exposto a partir de um ângulo positivo.

Larry Hurtado observa que Marcos coloca grande ênfase em chamar os cristãos a seguirem o ministério de Jesus, e deveríamos entender esse ensino sobre fé em tal contexto.<sup>7</sup> Ele adiciona: “Aqui Marcos apresenta Jesus como um exemplo de fé, e seus leitores não devem apenas admirar a fé de Jesus, mas imitá-la também”.<sup>8</sup>

Deveríamos apoiar essa perspectiva, visto que é verdade que a Bíblia enfatiza a fé como algo que glorifica a Deus e promove o seu propósito. Contudo, é possível enfatizar excessivamente esse ponto legítimo, visto que a Bíblia também descreve o papel crucial da fé em usar os recursos de Deus para o nosso sucesso e preservação. Não devemos

<sup>7</sup> Larry W. Hurtado, *Mark*, New International Biblical Commentary (Hendrickson Publishers, 1989), p. 185.

<sup>8</sup> Ibid.

hesitar em exercitar fé em Deus para suprir nossas necessidades pessoais, como se os recursos de Deus fossem requeridos para o ministério, mas opcionais para o nosso viver diário. Um cristão deveria depender de Deus para tudo, mesmo em seu pão diário (Mateus 6:11).

Talvez é melhor reconhecer que a fé em Deus pode operar tanto em nosso benefício próprio como para o avanço do seu reino, e esses dois raramente estão em conflito quando colocamos o primeiro dentro do interesse mais amplo do último. Em outras palavras, nossa fé para a auto-preservação e vários benefícios deve ser moldada e subordinada à nossa preocupação pelo reino de Deus.

Outro aspecto da fé tem a ver com a persistência. Por toda a Bíblia, a fé é algumas vezes retratada como uma qualidade que desempenha atos simples e instantâneos de grandeza, mas em outros momentos é pintada como uma convicção persistente e teimosa que produz falar e ação consistente de longa duração. Uma pessoa precisa ler apenas Hebreus 11 para exemplos desses dois tipos de fé. É por meio da “fé e *paciência*” que herdamos as promessas de Deus (Hebreus 6:12). Esse é um lembrete importante para todos aqueles que se aventuram na fé pela obra do reino. Nossa confiança é na palavra de Deus, que nunca falha, e não nos resultados imediatos ou passageiros.

Então, o versículo 25 nos adverte contra um individualismo extremo em nossa fé. Não podemos amar a Deus e ao mesmo tempo odiar nossos irmãos e irmãs em Cristo. Não podemos ter fé para com Deus e ao mesmo tempo ressentimento abrigado para com os outros. Uma fé forte floresce num ambiente onde o povo de Deus vive em amor e harmonia, mas as rixas a sufocam. Como 1 Pedro 3:7 diz: “Maridos, sejam sábios no convívio com suas mulheres e tratem-nas com honra, como parte mais frágil e co-herdeiras do dom da graça da vida, *de forma que não sejam interrompidas as suas orações*”.

Jesus nos diz que a fé pode mover montanhas. Esse não é um ensino para escusarmos ou afundarmos em milhares de qualificações. Pelo contrário, ele serve para confrontar nossa incredulidade e encorajar uma fé mais forte em nós. Ele nos capacita a tentar novas coisas, alcançar cumes mais altos, e expandir nossa imaginação. Não devemos evitar ou negar essa fé. Devemos cobiçá-la!

Senhor, nós cremos, ajuda-nos em nossa incredulidade! Aumente a nossa fé, para que possamos “encorajar o exausto e fortalecer o fraco” (Isaías 35:3, NASB). E se isso te agradar, concede-nos uma fé que pode até mesmo virar uma montanha de cabeça pra baixo por uma mera palavra de ordem. Senhor, concede-nos essa fé – agora na forma de um poder explosivo, agora na forma de uma confiança persistente – de forma que possamos vencer todos os obstáculos e realizar proezas em teu nome, para a tua glória e para o bem do teu povo. Amém.